

“Aqui se planta, aqui se colhe”

Desde pequeno, moro no interior de Farroupilha. Durante minha infância, eu adorava observar a paisagem pela janela do carro, encantado com cada detalhe: árvores bem cuidadas e plantas por todos os lados. No entanto, com o passar dos anos, percebo que tudo mudou.

Recentemente, tenho notado transformações significativas causadas pelas mudanças climáticas e pela intervenção humana. Em maio de 2024, uma enchente devastadora atingiu nosso Estado, deixando um rastro de destruição, como casas destruídas, encostas que desmoronaram e vidas perdidas. O impacto foi tão grande que chocou o mundo inteiro, além de provocar alterações drásticas em nosso meio ambiente, afetando plantações, estradas e outras áreas inesperadas.

Durante minha rotina, pegava o ônibus para a escola passando pelo Morro de Caravaggio, também conhecido como Rodovia dos Romeiros. No entanto, após o desastre, essa via teve que ser fechada devido a deslizamentos e riscos, forçando a todos adotarem uma rota alternativa.

As mudanças em nosso meio ambiente não se limitam apenas aos eventos naturais, as ações humanas também desempenham um papel crucial. Lembro-me de quando nasci, na minha comunidade, a estrada era de chão batido, mas hoje a maior parte dela está asfaltada. Assim, muitas árvores e matas foram derrubadas para dar lugar a condomínios e novas construções.

Além disso, uma inovação que impactou nossa região foi uma máquina instalada em Pinto Bandeira, nossa cidade vizinha, projetada para dispersar granizo, mas que acidentalmente causa pequenas secas durante as safras. Embora tenha alguns benefícios para os agricultores, essa tecnologia levanta questões sobre seus efeitos colaterais no nosso meio ambiente.

Devemos permitir que a natureza siga seu curso natural. Apesar de as mudanças serem inevitáveis, devemos lembrar de que a natureza é fundamental para nossa vida diária. É ela que nos inspira, nos sustenta e nos oferece ar para respirar. Portanto, é essencial que cuidemos dela, pois, como diz o ditado: “Aqui se planta, aqui se colhe”.

O Renascer Do Sul

Perdi minha casa nas enchentes.

Ela começou calma, mas foi aumentando e por fim, estava lá, a chuva, por horas e horas, sem parar...

O que veio a seguir, o caro leitor já pode imaginar!

Eu me pergunto, estava ela revoltada com o que fizemos ao meio ambiente? Sim, pois fomos nós – o povo – que derrubamos milhares de árvores, poluímos os rios, o solo, o ar...

Perdi minha casa, meus pertences, minha dignidade. Contudo, outros perderam entes queridos. A própria vida! Quantas crianças não serão médicos, não serão bombeiros, não serão pais ou mães, não serão...

Diante do caos, aonde quase tudo se perdeu, encontramos o apoio. Sim, ainda há esperança! Chegaram doações, alimentos, roupas, água potável.

O meio ambiente que nos perdoe. Estamos aprendendo? Esperamos que sim! O que é material, vamos recuperar com o tempo. E as vidas que se foram, para sempre viverão em nossos corações.

O Conselho dos Guardiões do Bosque

O Sol aparecia por entre as árvores, iluminando o pequeno riacho que cortava o coração do bosque. Era manhã, e os habitantes da floresta se reuniam ao redor da Grande Pedra, uma antiga área musgosa que servia como palco para seus encontros. Ali, sob a luz do Sol, o Conselho dos Guardiões do Bosque, uma assembleia formada por animais de todas as espécies, preparava-se para discutir o destino de seu lar.

No centro da roda, Max, o sábio lobo de pelos prateados, ergueu a cabeça com uma expressão séria. Seus olhos, marcados pela experiência de muitas luas, varreram o círculo de rostos atentos. “Amigos, algo grave está acontecendo,” começou ele, sua voz ecoando entre os altos troncos. “O cheiro de fumaça está cada vez mais forte, e os córregos estão diminuindo. Precisamos entender o que está causando isso e como podemos proteger nosso bosque.”

Perto de Max, Flora, uma coruja de penas douradas, ajustou suas asas com preocupação. Conhecida por sua sabedoria e visão clara, ela observava atentamente tudo o que acontecia na floresta. “Eu vi grandes máquinas de longe, além das colinas,” disse ela, sua voz carregada de apreensão. “Eles estão derrubando árvores e poluindo as águas. Se não agirmos rápido, não restará nada do nosso lar.”

Ao ouvir isso, um silêncio tomou conta do grupo. Nino, o jovem coelho de orelhas longas, tremia visivelmente. “Mas o que podemos fazer?” perguntou ele. “Somos apenas animais. Como podemos deter algo tão grande e poderoso?”

Até que, Irineu, o velho jabuti, arrastando-se lentamente até o centro do círculo. Ele falou com uma calma que acalmou os corações agitados. “Nós podemos muito mais do que imaginamos,” disse Irineu. “Cada um de nós tem um papel importante a fazer. Podemos alertar outros animais, espalhar a palavra, e juntos, criar uma força que eles não poderão ignorar.”

Inspirados pelas palavras de Irineu, os animais começaram a planejar suas ações. A coruja Flora voaria para longe, levando a mensagem para outras florestas. O ágil esquilo Fred, guardaria sementes e

plantas raras em locais seguros. Nino, o coelho, correria pelos campos, convocando os pequenos animais a se juntarem com o plano. E Max, o lobo, lideraria um grupo para vigiar as fronteiras do bosque e proteger seu território.

Assim, sob a Grande Pedra, o Conselho dos Guardiões do Bosque jurou lutar por sua casa. Cada um, se tornou um defensor do ambiente que os abrigava. E enquanto o Sol pôe, os animais partiram em suas missões, determinados a mostrar ao mundo que a natureza não se renderia sem uma luta. Juntos, eles eram a voz e a força da floresta, guardiões de um tesouro que merecia ser preservado.

CONSCIÊNCIA

Em uma floresta tranquila e repleta de vida, uma raposa curiosa chamada Zephyr era uma observadora atenta do mundo ao seu redor, e não passava despercebido aos seus olhos o impacto do desmatamento na região. A raposa notava clareiras que surgiram lentamente, revelando o solo antes coberto por densa vegetação.

À medida que o desmatamento avançava, Zephyr percebia a diminuição dos locais de abrigo e alimentação para os animais, que com ela dividiam a floresta. Os sons habituais dos pássaros e insetos eram substituídos pelo barulho agonizante de máquinas e o silêncio desconcertante das áreas desmatadas. A raposa sentia a mudança no ar, a transformação sutil, mas impactante do ambiente que conhecia tão bem.

No entanto, Zephyr não se deixava abater. Em vez disso, a raposa buscava maneiras de se adaptar às mudanças e de encontrar novas formas de sobreviver em meio ao caos. Observava atentamente as áreas ainda preservadas, onde a vida seguia seu curso natural, aprendia com a resistência e resiliência das plantas e animais que ali habitavam.

Zephyr, após vagar à noite pela cidade, viu como os humanos, considerados tão racionais, acabavam com o resto de natureza que ali havia. A raposa correu para a floresta novamente, totalmente decepcionada com o que viu. Tamanha crueldade e falta de noção a pegaram desprevenida. Ela torcia para estar vivendo apenas uma ilusão.

Zephyr vai até uma colina e de lá observa a floresta. Como era possível? Agora aquele pequeno pedaço de conforto estava prestes a desaparecer. Onde é que ela ficaria agora? Seu lar era aquela terra que sempre foi única, mas agora estava se perdendo. Isso era imperdoável.

A raposa se encolheu debaixo de uma árvore, suspirando e fechando os olhos. Preferia apenas recordar...

FUTURO MELHOR

O sol nascia tímido entre as árvores da praça do bairro, caminhava lá todas as manhãs e tardes. O aroma da terra úmida e o canto dos pássaros formavam uma sinfonia perfeita. Enquanto me conectava com a natureza, refletia sobre palavras de meu avô que sempre dizia: “A natureza nos dá tudo, mas também precisa de nós”.

Isso ecoava cada vez mais forte dentro de minha cabeça todos os dias. Cada dia que se passava, mais eu pensava naquilo. Certo dia, quando fui caminhar na praça de manhã, vi uma placa escrita: “Faça sua parte e ajude a salvar o planeta”. Aquilo me chamou atenção, então, fui perguntar para aquele humilde garoto o que ele vendia.

Eram sementes, sementes de esperança que, ao contrário das outras, precisavam de amor e união para florescerem, então decidi comprar algumas, mas no mesmo instante que peguei o dinheiro, o garoto disse:

- Não, meu senhor! Essas sementes são de graça, apenas plante e colha um mundo melhor e sustentável.

Com a pá em mãos e a semente, senti a terra acolher minha contribuição. A esperança brotou junto, nutrida pelo desejo de um futuro melhor, afinal, cada ação conta.

A lição das folhas

Em uma manhã tranquila, Ana decidiu caminhar pelo parque. O cheiro de terra molhada e o som suave das folhas ao vento traziam uma sensação de paz. Observando as árvores, ela percebeu como cada folha, cada galho, contribuiu para a grandeza da natureza.

Ana se lembrou das aulas de ciências, onde aprendera sobre sustentabilidade, pois sua professora sempre dizia: “pequenas ações fazem grandes diferenças”. Reciclar, economizar água, plantar árvores – tudo isso era essencial para manter o equilíbrio do meio ambiente.

Enquanto caminhava, Ana viu uma borboleta pousar suavemente em uma flor. A fragilidade daquela criatura contrastava com a força das árvores ao redor. Ela entendeu que a sustentabilidade não era apenas um conceito distante, mas uma responsabilidade diária. Cada gesto contava.

Então, Ana, dedicada a fazer a diferença, prometeu a si mesma que cuidaria do meio ambiente. Ela sabia que suas pequenas ações eram como as folhas das árvores que, juntas, formavam uma grande e bela floresta.

E assim, Ana, com um sorriso no rosto, continuou sua caminhada, sabendo que estava no caminho certo para um futuro mais sustentável.

Ana Clara Mandelli

Escola Nossa Senhora de Lourdes

Sustentabilidade Estável

Era uma manhã qualquer, onde eu acordei e fui começar minha rotina há muito tempo determinada, começando por escovar os dentes até a ida à escola.

Ao sair de casa, passei pelo caminho de sempre, a direita dois pinheiros e a esquerda arbustos que davam a impressão de ser outono, mesmo no ápice do verão. Inspirei e expirei, sentindo os aromas doces e amargos proporcionados pela natureza.

Chegando na escola, peguei meus livros e fui para a sala de aula, tudo ocorreu normalmente, a professora chegou e propôs para a sala um debate sobre o meio ambiente e a sustentabilidade. No primeiro momento, várias coisas foram sendo ditas, mas poucas delas eram relevantes. E assim foi se seguindo até o final.

Depois da aula, percebi que muitos alunos ainda pensavam sobre o assunto, mas de um jeito zombeteiro, dizendo frases incoerentes ou que não era problema deles as consequências que a forma insustentável de tratarmos a natureza poderia trazer à tona.

Seguindo meu caminho de volta para casa, passei mais uma vez pelo mesmo lugar, porém notei que algo estava diferente. Parei e olhei atentamente ao meu redor em busca do fator que me fazia estranhar tanto aquele lugar tão familiar. Olhei para a esquerda e avistei os arbustos, olhei para a direita e contei somente um pinheiro, achei estranho, mas mesmo assim continuei seguindo meu caminho até a minha casa.

Chegando lá, entrei e fui para o meu quarto logo entrando nas redes sociais, como qualquer jovem atualmente. Para minha surpresa, lá estava o anúncio da venda do terreno pela prefeitura. Junto a propaganda estava uma foto, porém já estava sem os costumeiros pinheiros que estavam ali a anos.

Cinco anos depois, seguindo a mesma rotina e passando pelo mesmo caminho, porém desta vez o ar não possuía mais os aromas perfumados, nem aquela breve brisa que te deixa arrepiada. Agora, no lugar dos pinheiros estavam grandes prédios e no lugar dos arbustos haviam casas simples e monótonas.

Em um momento de nostalgia, parei e observei a paisagem, antes tão verde e inspiradora, agora tão cinza e entediante. Pensei em todos os momentos que passei ali.

Por fim, enquanto voltava a caminhar não pude deixar de pensar que todos temos uma sensação de sustentabilidade estável, é uma pena que sensações podem não passar de meras ilusões.